quid NEWS

#30 DEZ/2020
Quidgest

| ENTREVISTA
Eurico Brilhante Dias

| HIGHLIGHT
Quidgest_Academy

| SOLUÇÃO EM DESTAQUE
Sistema para reportes ESEF

JUNTA-TE À EQUIPA QUIDGEST

Estás pronto para te juntares à vanguarda da tecnologia que está a ajudar as empresas a superar os desafios da economia de hoje?

A filosofia da Quidgest reflete-se na sua política de recrutamento. Promovemos e apoiamos a diversidade entre os nossos colaboradores, acreditando que os melhores produtos e serviços são resultado, não só de um grande talento, mas também de diferentes perspetivas, ideias, culturas e experiências de vida. A empresa conta com uma equipa heterogénea, motivada e ambiciosa. Vem fazer parte dela.

- SOFTWARE ENGINEER
- SOFTWARE ARCHITECT
- SOFTWARE KNOWLEDGE ENGINEER
- FINANCE CONSULTANT
- SALES DEVELOPMENT REPRESENTATIVE
- CUSTOMER SUCCESS MANAGER
- SALES ACCOUNT EXECUTIVE

VÊ AQUI AS VAGAS DISPONÍVEIS

Quidgest

SUMÁRIO

#NEWSROOM

06
5.º Aniversário da Aliança Portuguesa para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

08
"Portugal Exportador" - Cooperação nacional para a internacionalização

09
O "Gémeo Digital" no apoio às tomadas de decisão

#OPINIÃO

10
Uma reflexão sobre os ODS

12
Sustentabilidade e Competitividade

#TEMA DE CAPA

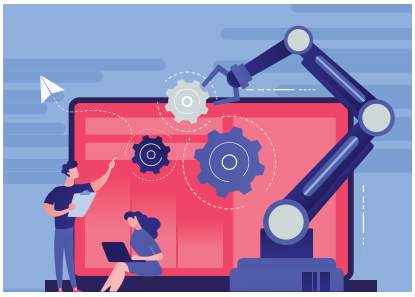
14
ODS 2030

24
Entrevista a Eurico Brilhante Dias

#OPINIÃO

28
3.º ODS: Cuidados de Saúde baseados em valor

30
Automação, ODS e o futuro do trabalho



#HIGHLIGHTS

32
Quidgest Academy:
250 pessoas em 365 dias

#SOLUÇÃO EM DESTAQUE

34
Qual deve ser a abordagem da sua empresa à conformidade com o ESEF?

quid NEWS

//FICHA TÉCNICA

EDITOR
Cristina Marinhas

TEXTO
João Simões de Abreu

DESIGN & PAGINAÇÃO
Inês Mateus

ESCREVEM NESTA EDIÇÃO
Maria Martins, Rui Freitas, Soledad González, Susanna Coghland

DATA
JUL-DEZ 2020

Copyright ©. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do conteúdo da QuidNews, sob qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização expressa da Quidgest, S.A.

Quidgest

Quidgest

Quidgest

SUBSCREVA O CANAL DA QUIDGEST

Aceda aos nossos conteúdos multimédia.
Fique a par dos nossos eventos.
Veja as demonstrações dos nossos produtos.

YouTube

QUIDGEST - CONSULTORES DE GESTÃO, SA

Morada: R. Viriato 7, 1050-233 Lisboa - Portugal

Tel.: (+351) 213 870 563

Mail: quidgest@quidgest.com / marketing@quidgest.com

www.quidgest.com

EDITORIAL

Non nobis solum nati sumus

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que definem as prioridades e aspirações globais para 2030, necessitam do apoio de todos - governos e restantes entidades públicas, empresas e sociedade civil. Para que o programa desenhado pelas Nações Unidas seja cumprido, precisamos que organizações de todos os eixos estejam envolvidas.

Contudo, ainda que a meta de erradicar a pobreza e criar uma vida com dignidade e oportunidades para todos seja fácil de compreender, o caminho para a sua concretização não o é. Especialmente agora. O virar da década trouxe consigo o alastramento de um vírus que veio mudar estratégias sociais e económicas. Alguns dos países e players privados e públicos que maior apoio prestavam para o cumprimento do programa tiveram de se focar noutras frentes.

O cenário mudou, mas no caso da Quidgest o plano manteve-se o mesmo: colocar a tecnologia ao serviço dos que mais precisam, de forma a que as entidades locais possam gerir melhor os seus recursos ao mesmo tempo que impulsionamos os serviços prestados aos cidadãos e empoderamos o capital humano a partir do conhecimento naquela que acreditamos que é a tecnologia do futuro.

Esta edição da QuidNews é dedicada aos ODS e ao impacto que a tecnologia pode ter no seu cumprimento. Sabemos que os tempos que vivemos e que ainda estão por vir são desafiantes, mas é em alturas como estas que devemos reforçar o apoio a quem mais precisa. Os menos afetados pelas barreiras têm o dever de prestar apoio aos que maiores dificuldades têm em ultrapassá-las.

CRISTINA MARINHAS | *CEO da Quidgest*

5.º Aniversário da Aliança Portuguesa para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Desde 2015, data em que a Agenda 2030 foi aprovada, que a United Nations Global Compact e, em território português, a Global Compact Network Portugal, são responsáveis por organizar a contribuição do sector empresarial no cumprimento dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e respetivas 169 metas.

Assim, da necessidade de contribuir para os objetivos, nasce a Aliança ODS Portugal, que, seguindo as indicações do ODS 17 (Parcerias para os Objetivos), pretende criar oportunidades de diálogo multistakeholder, de forma a partilhar com as empresas uma visão das expectativas das partes interessadas.

A aliança celebrou recentemente o seu quinto ano de funcionamento com um evento online que reuniu algumas associações, organizações não governamentais, empresas e instituições de ensino que fazem parte do movimento cívico. A Quidgest, que tem sido proativa desde a sua fundação em ter uma operação sustentável e o desejo de combinar tecnologia com desenvolvimento sustentável, esteve entre as participantes.

O engenheiro Mário Parra da Silva, líder da Global Compact Network Portugal, abriu o evento com uma mensagem clara: para que os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável sejam cumpridos, precisamos do apoio de todos, tanto a nível individual, a partir de práticas de consumo responsável e consciente, como coletivamente no mundo empresarial, através de um desempenho mais sustentável que inspire funcionários e clientes.

Entre os vários painéis que tiveram lugar, tornou-se clara a vontade de cumprir os ODS. Muitos participantes partilharam a forma como os seus produtos, serviços e funcionamento interno cumprem ou estão em vias de cumprir os objetivos das Nações Unidas.

A tecnologia foi um dos temas que emergiu várias vezes durante o evento, desde a abertura, com o Engenheiro Parra da Silva a salientar a importância das novas ferramentas digitais no apoio à nova forma de trabalhar e à resiliência das empresas, até ao painel dedicado às Cidades Inteligentes, onde participaram quatro representantes de Municípios portugueses. Durante

este último painel, os participantes revelaram como a tecnologia apoia as suas iniciativas de Governação, Responsabilização e Transparência. Serviu também, especialmente quando a distância social é necessária, para aproximar as Câmaras dos cidadãos e facilitar o acesso aos serviços.

E foi também sobre tecnologia que a Quidgest orientou a sua presença. João Paulo Carvalho. administrador da tecnológica portuguesa, moderou o painel "Transição Digital", onde participaram representantes da NOS, Everis Portugal, e do Instituto de Informática da Segurança Social.

Quanto ao potencial das ferramentas tecnológicas para ajudar a cumprir os 17 ODS, o julgamento foi transversal. Cada orador deste painel acredita que a tecnologia tem um grande potencial para mudar a forma como olhamos para as questões ambientais e contribuir para a resolução de dificuldades económicas e sociais.

Paula Salgado, presidente do conselho diretivo do ramo de TI da Segurança Social portuguesa, revelou que a tecnologia foi um dos facilitadores mais críticos para ajudar os cidadãos durante a pandemia. "Apoiámos 2,4 milhões de pessoas nestes últimos meses. A tecnologia foi o acelerador para ajudar os cidadãos mais necessitados". Mas a revolução digital na Segurança Social portuguesa está longe de atingir um fim. Esta responsável acredita que a adoção de tecnologias como *blockchain*, *big data*, inteligência artificial e *machine learning* têm um grande potencial de aceleração do funcionamento da Segurança Social.

A importância da tecnologia 5G no cumprimento dos ODS foi também introduzida por Tiago Ribeiro, diretor da NOS para o mercado B2B. Quando questionado sobre a tecnologia, especialmente os dispositivos móveis, e os respetivos avanços que têm sido feitos em muitas indústrias, o *business developer* de telecomunicações alegou que o *leapfrogging* na falta de infraestruturas foi crucial para as economias em desenvolvimento. Microfinanciamento, bancos e seguros são algumas indústrias que há 20 anos atrás exigiam uma infraestrutura pesada, mas que hoje são facilmente acessíveis através de um smartphone. Contudo, Ribeiro afirmou que, a fim de promover o crescimento, estes países devem ser capazes de equilibrar as suas necessidades tecnológicas com a sua produção tecnológica interna - enfatizando a importância da Educação de Qualidade (4.º ODS) entre as economias menos desenvolvidas.

O CEO da Everis Portugal partilhou a ideia de uma empresa ser mais atrativa por trilhar um caminho em direção a uma operação mais responsável. "Não é só o resultado financeiro que importa, mas também a forma como uma empresa trata os fatores ambientais, sociais e de governação. Podemos atrair mais facilmente investimento e talento porque temos esta visão", disse o CEO português.

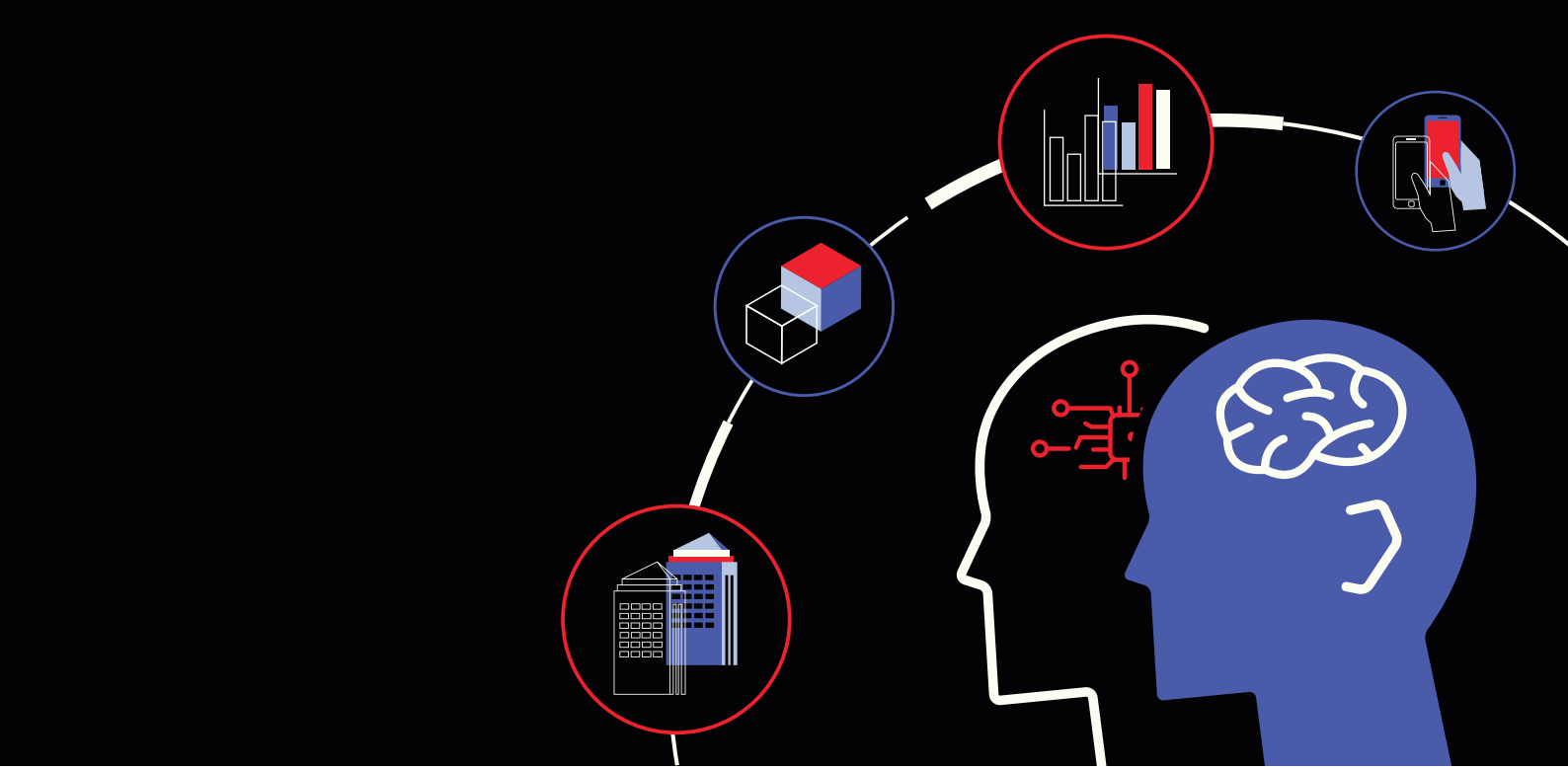
No final do evento, o líder da Global Compact Network Portugal assegurou ao público "a ajuda tecnológica no cumprimento das ODS merece um evento próprio". ■

"Portugal Exportador" - Cooperação nacional para a internacionalização

"A competitividade já não é medida empresa por empresa, mas ecossistema por ecossistema". Esta foi uma das ideias principais que o administrador da Quidgest transmitiu na 15.ª edição do "Portugal Exportador", um evento online que reuniu algumas das maiores empresas portuguesas.

João Paulo Carvalho participou como orador em dois painéis diferentes. O primeiro teve como tema "Avaliação de Riscos na Exportação", onde também participaram porta-vozes do ISQ, Transitex e Victoria Seguros. "Só entre os presentes posso imaginar formas de colaboração na atual economia mundial, onde ainda é necessário ter vantagens competitivas", afirmou o administrador da Quidgest, para partilhar, mais uma vez, a ideia de que se as empresas portuguesas quiserem conquistar mercados internacionais, devem unir-se. "Se formos sozinhos a um determinado mercado, a um determinado concurso ou projeto, estamos certamente a competir com um ecossistema. Se formos como uma empresa contra um ecossistema é muito provável que não sejamos capazes de competir", afirmou.

João Paulo Carvalho também partilhou as suas perspetivas do que está a mudar no "Comércio Internacional", um painel moderado por Marta Mariz da Sofid. ■



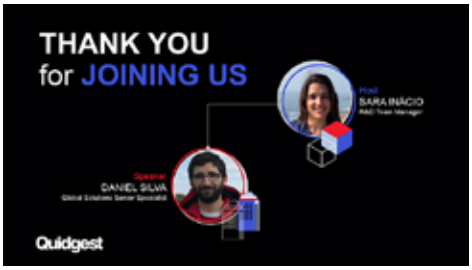
O "Gémeo Digital" no apoio às tomadas de decisão

O que é um Digital Twin e como pode ajudar entidades públicas e empresas a prepararem-se melhor para o futuro? Estes foram os principais tópicos detalhados na segunda edição do nosso MeetUp, um evento que abrange relevantes temas tecnológicos e que conta com a participação dos nossos especialistas.

"Um Digital Twin é um modelo virtual de uma coisa, pessoa, processo ou realidade socioeconómica que descreve com precisão as operações atuais e pode também prever desempenhos futuros para uma variedade de cenários. O principal objetivo dos sistemas é otimizar os resultados das decisões".

Sara Inácio, Gestora de Inovação da Quidgest, e Daniel Silva, o nosso Global Solutions Senior Specialist, iniciaram a apresentação explicando o termo algo futurista e detalhando como as organizações podem beneficiar desta tecnologia. A solução é especialmente relevante na atual conjuntura em que as forças políticas locais, regionais e nacionais implementam medidas reativas à propagação da pandemia. Através desta, os decisores conseguem, por exemplo, prever o impacto da legislação introduzida e das ações preventivas através de um apoio de dados mais holístico e quase em tempo real, tornando-se, assim, numa preciosa ferramenta de apoio ao processo de tomada de decisão e de rápida mudança de estratégia?

VirVi, o sistema da Quidgest de Vigilância e Controlo de Dados de Saúde, que já está em funcionamento em várias organizações para ajudar a prevenir a propagação do vírus, foi um exemplo que a equipa utilizou para explicar o vasto potencial da introdução de um modelo virtual numa organização. ■



Uma reflexão sobre os ODS

SOLEDAD GONZÁLEZ | *IT Consultant and International Business Developer - Quidgest*

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estão a tornar-se parte do nosso vocabulário diário. Para onde quer que se olhe podemos ver a roda colorida ou os 17 pequenos quadrados que simbolizam os objetivos para a Agenda 2030.

Nasceram em 2012 como um conjunto de objetivos universais que respondem aos urgentes desafios ambientais, políticos e económicos que o mundo está a enfrentar. Os governos, que estão a desempenhar um papel vital, devem utilizá-los como um quadro para monitorizar os seus esforços no sentido de alcançar objetivos específicos em várias frentes - desde a fome ao ambiente. As empresas e outros intervenientes são encorajados a criar coligações e alianças para valores e preocupações comuns.

Mas será esta solução funciona para todos? Verifica-se que os países estão a ser lentos no seu compromisso de medir os indicadores dos ODS. Porquê?

Alguns culpam a falta de uma metodologia transparente para orientar e acompanhar os progressos dos objetivos. Outros vêem os ODS como uma imposição por parte de organizações internacionais. Além disso, a natureza qualitativa de muitos objetivos levou alguns países a criar um mecanismo de medição quantitativa suplementar e indicadores regionais específicos. Esta abordagem local é essencial para o foco em problemas específicos enfrentados por cada país. Ainda assim, os indicadores nacionais de substituição devem complementar, e não substituir, os indicadores globais, de modo a que a referência comum para avaliar o progresso global ainda possa ser feita.
Como resultado da apropriação deste país e da natureza dos objetivos, a implementação ocorre em circunstâncias extremamente diferentes no que diz respeito à presença e eficácia do governo, recursos disponíveis, antecedentes culturais e religiosos, biogeografia local, entre outros fatores.
Por outro lado, vale a pena destacar a importância do sector privado para a realização dos ODS e que os objetivos e metas para promover a responsabilidade social das empresa, e a sustentabilidade têm sido amplamente abraçados por este sector.
Apesar de sentirem as mesmas dificuldades relativas à exatidão dos dados ou metodologia que o sector público, as empresas estão a consciencializar o público em torno das suas atividades para os objetivos, medindo o seu impacto e contribuições, e tornando os ODS e respetivas metas parte da sua estratégia empresarial, e (porque não) da sua estratégia de marketing. Então, como podemos acrescentar algo?

Empresas como a Quidgest desenvolvem e implementam soluções que são um valor acrescentado para o cliente final. Dentro do vocabulário das ODS, temos vindo a reforçar as instituições e a criar parcerias para os objetivos há mais de 15 anos.

Quando estamos a implementar ou a desenvolver um sistema para melhorar as capacidades de gestão dos nossos clientes em qualquer que seja o sector, precisamos de enfatizar o quão vital é fechar o trabalho e criar parcerias locais. O conhecimento deve ser transferido e permanecer local, e partilhamos do orgulho dos nossos clientes e parceiros e do sentimento de propriedade da solução que construímos em conjunto.
Desapareceram os dias do antigo executor estrangeiro, que criou um ambiente demasiado alienado e deixou um cliente com uma ferramenta rígida.
Estamos felizes por ver os nossos clientes na Jamaica, El Salvador, Alemanha ou Cabo Verde crescerem com sucesso com as soluções. Mesmo numa situação de pandemia continuamos a realizar os nossos projetos com a mesma eficiência, ao mesmo tempo que estabelecemos relações fortes.
Como prestador de serviços, podemos dizer que os nossos esforços têm contribuído silenciosamente para grandes objetivos em cada local e esperamos continuar a fazê-lo durante muitos anos.
Como empresa, a medição do nosso impacto é avaliada e reportada anualmente com as ferramentas e iniciativas que tentam estabelecer padrões nesta matéria, tais como a Parceria Global para Dados de Desenvolvimento Sustentável, a Iniciativa Nacional de Relatórios ODS, ou a Global Compact Network da ONU.
Mantemos a nossa esperança nos ideais e ambições representados pelos objetivos e indicadores dos ODS e no desejo coletivo de melhorar o mundo. Mas quadros como os ODS serão apenas uma visão platónica até conseguirmos obter dados totalmente fiáveis e estabelecer metodologias padrão, tanto para o sector público como para o empresarial, de modo a que cada parte interessada saiba claramente para o que está a trabalhar e como se manter a par. Ainda temos nove anos. Conseguiremos lá chegar? ■

Sustentabilidade e Competitividade

MARIA MARTINS | *IT Consultant - Information Management and Data Protection - Quidgest*

O conceito atual de competitividade tanto para as empresas como para os países está a tornar-se fortemente ligado às dimensões socioeconómicas e ambientais da sustentabilidade.

Existe atualmente um entendimento geral de que a manutenção ou melhoria da capacidade de sustentar o crescimento económico e a atratividade num âmbito internacional já não está livre desta influência.
Por exemplo, a repercussão dos regulamentos no aumento dos custos e na criação de constrangimentos para as empresas que afetam diretamente a atratividade a nível nacional para uma determinada indústria.
Por outro lado, a sua contribuição para aumentar a competitividade, reduzindo os riscos e dando respostas aos atuais desafios que todos enfrentamos: recursos naturais escassos, mercados financeiros instáveis, e o fosso de talentos qualificados a nível internacional.

Durante os últimos cinco anos, a rede internacional de organizações multilaterais tem estado empenhada em criar casos de empresas e países para aproveitar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). O seu argumento enfatiza fortemente este impacto positivo da sustentabilidade na competitividade, especificamente na viabilização do crescimento a longo prazo, na abordagem do risco, e na atração de capital.
A nível nacional, os ODS tornaram-se uma forma de acesso a fundos internacionais disponibilizados pelos bancos multilaterais de desenvolvimento e pelo Fundo Monetário Internacional (FMI). Programas que ajudam a tornar os ambientes políticos e regulamentares mais favoráveis ou a melhorar a qualidade de vida através da inovação tecnológica foram difundidos em todo o mundo, especificamente nas regiões em desenvolvimento.
Ao comparar, por exemplo, o Índice de Desempenho Ambiental com os resultados do Índice de Competitividade Global do Fórum Económico Mundial nos últimos oito anos, vemos que existe uma correspondência entre os países mais competitivos e aqueles com o melhor desempenho ambiental.
Uma vez que existe uma relação entre empresas e países relativamente ao aumento global da competitividade, estes programas também se concentraram em atrair o sector privado através da contratação pública ou da criação de benefícios financeiros.
Por exemplo, alguns programas ofereceram às empresas uma oportunidade de expansão do mercado. Foi o caso da Quidgest em Moçambique. Através de um grande projeto financiado para a transformação digital no país, a Quidgest estabeleceu uma equipa local que se tornou uma subsidiária. Enquanto prestava apoio ao governo, a empresa começou a atrair talentos locais para sustentar as suas operações que reforçavam a sua marca na comunidade. A longo prazo, apoiou a resiliência da empresa em termos de crescimento.

Em termos de atrair capital e proporcionar benefícios financeiros às empresas, os ODS apenas confirmaram uma tendência global de que os investidores estão cada vez mais atentos aos riscos ambientais, sociais e de governação ao tomarem decisões.
Um interessante Inquérito aos Investidores realizado pela EY em 2017 avalia mesmo a ligação entre as ações das empresas e o desempenho ambiental.
Por outro lado, o Programa Green Bond do IFC, primeiro emissor a listar um conjunto de obrigações verdes de mil milhões de dólares, provou que este tipo de ativo financeiro é um produto escalável e rentável para investidores de todo o mundo e uma fonte substancial de capital para projetos que contribuem para a sustentabilidade ambiental.
Não é coincidência que a agenda do Fórum Económico Mundial de 2021 Davos, que reuniu os mais influentes e poderosos representantes governamentais e CEOs empresariais do mundo, tenha dedicado dias inteiros a discussões sobre emissões zero de carbono ou transformação digital. Por exemplo, existe uma forte vontade de governos como a administração Biden de criar benefícios para o sector da energia limpa, o que tem contribuído para o seu sucesso no mercado bolsista nos últimos meses.

Há, portanto, duas conclusões importantes a reter: que os países e empresas com agendas alinhadas com os ODS podem beneficiar diretamente de novas fontes de capital e que a sustentabilidade tem vindo a contribuir para moldar a forma como medimos a nossa competitividade. ■

ODS
2030

A AGENDA 2030

13 de junho de 2012, Rio de Janeiro – arrancava o primeiro dia da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável. A Cidade Maravilhosa recebeu líderes de 188 nações, entre os quais representantes do Vaticano e da Palestina, com o objetivo de desenvolverem objetivos globais que resolvessem os desafios ambientais, políticos e económicos que se faziam sentir.

A conferência surgiu 12 anos após o começo dos esforços com os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODMs), metas estabelecidas pela Organização das Nações Unidas e que teriam de ser cumpridas até 2015. 191 nações comprometeram esforços no apoio à erradicação da pobreza, impulsão da educação, da igualdade de género e da saúde materna, diminuição da mortalidade infantil e garantia da sustentabilidade ambiental.

Como resultado, mais de mil milhões de pessoas deixaram de estar em condições de pobreza extrema, a mortalidade infantil e o número de crianças sem acesso a educação reduziram para metade e as infeções de SIDA diminuíram 40%. Durante 15 anos, os ODMs serviram de guia aos atos altruístas das nações, mas, a apenas três anos de cruzar a linha de chegada e com milhões de pessoas que não foram abrangidas pelos esforços, era necessário definir novos objetivos.

Do encontro no Rio de Janeiro nasceram os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), uma nova versão do comprometimento de todos – nações, organizações públicas, empresas – para com o mundo e para com quem mais precisa de ajuda.

Ainda que o caminho a percorrer seja complexo, estes 17 pontos definem – através de uma framework compreensível – as prioridades e as aspirações para 2030

Tecnologia Digital e o cumprimento dos ODS

A Quidgest está totalmente comprometida em apoiar o cumprimento dos ODS através do desenvolvimento de soluções digitais que vão ao encontro dos objetivos. Mas será a tecnologia tão importante neste âmbito?

Para tentar responder a esta questão entrevistámos o Secretário de Estado para a Internacionalização Eurico Brilhante Dias, cuja entrevista pode ler na integra nas páginas 24 a 27, bem como os responsáveis da APlanet, BCSD, Instituto Camões, Instituto Marquês de Valle Flôr (IMVF), Sweco e Universidade das Nações Unidas (UNU), que partilharam com a Quidgest a sua visão da forma como a tecnologia pode contribuir para o cumprimento dos ODS, os desafios e o caminho que deve ser percorrido.

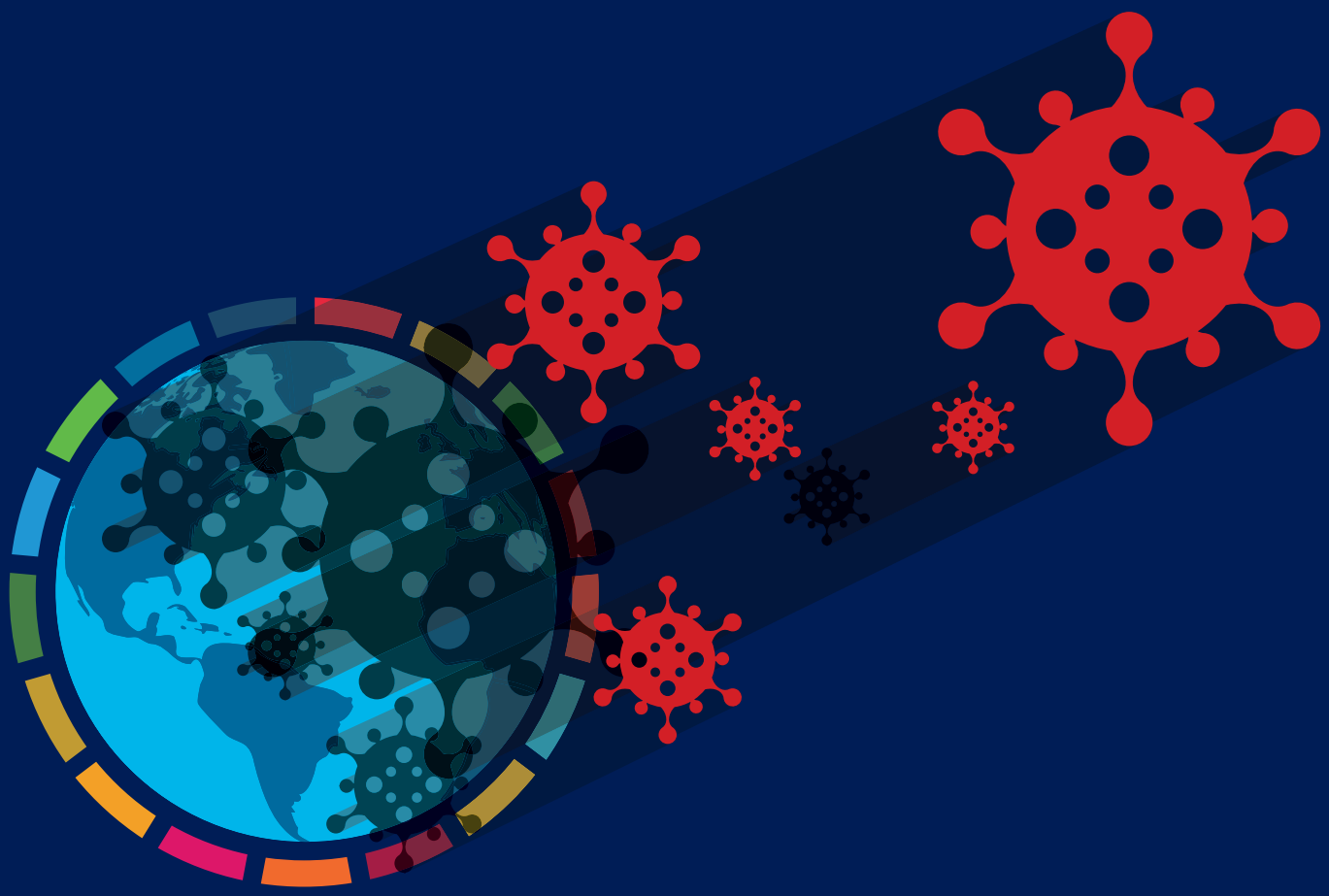
As respostas dos entrevistados da Quidgest são unânimes. "Sim, absolutamente. Mais do que simplesmente apoiar e facilitar o cumprimento dos 17 ODS, as tecnologias digitais constituem-se como um elemento catalisador crucial para acelerar a implementação dos três pilares do desenvolvimento sustentável – crescimento económico, inclusão social e sustentabilidade ambiental", indica Delfina Soares, *head* da Universidade das Nações Unidas, adiantando ainda que a tecnologia fomenta sociedades de conhecimento e impulsiona o progresso mundial.

Joana Paredes Alves, cofundadora da APlanet, descreve as soluções digitais como um "motor que impulsiona soluções práticas e inovadoras

que podem contribuir para um crescimento inclusivo e sustentável" visto que ajudam a criar "uma maior eficiência e transparência dos indicadores ambientais, sociais e de *governance*".
Nunca fomos tão ricos ou dotados do conhecimento que nos permitisse apostar em tecnologia com tanto impacto social, económico e ambiental. Segundo João Wengorovius Meneses, secretário-geral da BCSD Portugal, a "sustentabilidade e transformação digital serão os dois maiores vetores de transformação das sociedades ao longo do século XXI", algo que se poderá traduzir na transição para "sociedades superinteligentes e superconectadas, mas centradas nas pessoas e no planeta", em oposição ao foco dos últimos ano que passou pelos ganhos de produtividade e riqueza.
Por outro lado, ainda que possa ser um acelerador das necessidades levantadas pela Agenda 2030, responsáveis do IMVF alertam que "é crucial garantir que a progressão e evolução do sector se faz de maneira inclusiva, garantindo que o acesso à tecnologia digital e aos benefícios por ela gerados chegam a partes do mundo que atualmente carecem de uma infraestrutura digital, reforçando o seu papel e impacto direto no desenvolvimento sustentável".

Onde a tecnologia pode ajudar

As soluções da Quidgest abrangem todos os ODS – desde ferramentas que fomentam a transparência dos gastos do dinheiro público a gestores dos recursos naturais. Mas quais as áreas que mais podem usufruir da tecnologia?
De acordo com João Ribeiro de Almeida, presidente do Instituto Camões, IP, as ferramentas podem contribuir para todos os objetivos estipulados pela ONU. Contudo, dada a área de atuação do instituto que estimula a cooperação internacional e promove a aprendizagem da língua portuguesa, Ribeiro de Almeida concede maior potencial às áreas da Saúde (3.º ODS) e da Educação (4.º ODS) e exemplifica com projetos já desenvolvidos: "no que toca à Saúde, a Cooperação Portuguesa tem vindo a desenvolver em São Tomé e Príncipe o 'Projeto Saúde para Todos', referência no sector da saúde e que tem logrado resultados expressivos na melhoria dos indicadores de saúde [do país], ao garantir o acesso aos cuidados básicos, promovendo a prevenção e tratamento precoce de situações clínicas e nos cuidados especializados prestados nos dois hospitais de São Tomé e Príncipe. Especialmente na componente de cuidados especializados, o projeto tem focado grande parte da sua ação na telemedicina". No que diz respeito à Educação, o presidente do Camões, IP aponta para o potencial das plataformas de ensino à distância, mas acrescenta que os países mais pobres dificilmente conseguem usufruir dos seus benefícios devido à falta de infraestrutura.
Já Thomas Fleurine Sørensen, diretor internacional da Sweco, vê maior potencial no consumo e produção sustentáveis (12.º ODS) e sugere que a Holanda e a Dinamarca são exemplos a seguir no âmbito das economias circulares. Porém, alerta que "o compromisso global de financiar mais investigação e ideias empresariais nesta área, ao mesmo tempo que se encontram soluções acessíveis e aplicáveis às economias emergentes, continua a ser uma lacuna no atual contexto sustentável."
Alinhado com esta visão, o secretário-geral da BCSD Portugal indica que as ferramentas podem também "tornar as sociedades e cadeias de valor das empresas mais eficientes, mais transparentes e mais humanas" e aponta também para um cenário onde a tecnologia estimula a eficiência, humanização e transparência.
Dada a área de atuação da UNU, Delfina Soares acredita que a governação, incluída no 16.º ODS, é um dos eixos com maior potencial de disrupção e salienta a sua importância: "é um elemento crítico para o desenvolvimento e progresso da sociedade".
Por sua vez, Joana Paredes Alves revê na possibilidade de "reunir, analisar, gerir e trocar informações em diversas áreas" uma enorme capacidade de beneficiar a sociedade.



O desafio Covid-19

O relatório "Desenvolvimento Sustentável 2020" das Nações Unidas, lançado em junho de 2020, constata que a pandemia causada pelo coronavírus está a provocar sérias perturbações no cumprimento dos objetivos acordados pela ONU. Embora o progresso tenha vindo a ser lento no período pré-pandemia, em apenas alguns meses, a crise mundial desfez décadas de avanço.

Os entrevistados pela Quidgest não pintam um quadro positivo. João Wengorovius Meneses explica que "não será fácil atingirmos os ODS até 2030" por "não estamos a avançar ao ritmo necessário".

Já o IMVF aponta que "hoje já sabemos que os impactos sociais, económicos e ambientais provocados pela pandemia de COVID-19 terão um efeito devastador na prossecução das metas dos ODS. Para mais, são os mais pobres e vulneráveis - incluindo crianças, idosos, pessoas com deficiência, migrantes e refugiados, e mulheres - os mais duramente atingidos pelos efeitos da pandemia COVID-19", referem os responsáveis do IMVF.

Se não contarmos com as consequências da pandemia, em 2030, cerca de 6% da população mundial viverá em condições de pobreza extrema, indica o presidente do Camões, IP. E tudo aponta para que este número venha a aumentar.

Estimativas recentes sugerem que os efeitos da COVID-19 poderão adicionar 71 milhões de pessoas a este valor, devido aos efeitos devastadores do coronavírus sobre as sociedades e as economias.

JOÃO RIBEIRO DE ALMEIDA
Presidente do Camões, IP

As previsões, algumas já confirmadas, são de um cenário económico e socialmente complexo: redução do PIB per capita de 4,2% em 2020 (12.1% na zona Euro); perda de 400 milhões de empregos no segundo trimestre de 2020; 1,6 mil milhões de trabalhadores da economia informal em risco de perder os seus meios de subsistência, referindo apenas alguns.

DELFINA SOARES
Head da UNU

É inegável o impacto da pandemia na prossecução dos ODS. Para a cofundadora da APlanet, "agora mais que nunca, a colaboração de todos é urgente para atingirmos as metas da Agenda 2030". Embora a crise sanitária tenha vindo a acentuar – ainda mais – as desigualdades, nem tudo são aspetos negativos: "a pandemia veio de alguma maneira servir de '*wake up call*' para que as empresas comecem a olhar para dentro e reconhecer a crescente importância dos temas da sustentabilidade".

Alinhado com esta visão, o diretor internacional da Sweco acrescenta que "os ODS iniciaram um alerta global para que nós, enquanto membros das comunidades internacionais e locais, tomemos medidas para proteger o nosso planeta".

Já o secretário-geral da BCSD Portugal refere que "o choque com a pandemia foi tão frontal, global e dramático que, para além da recuperação económica, também se está a procurar responder a diversos desafios sociais e ambientais, isto é, relacionados com a sustentabilidade do nosso modelo de desenvolvimento".

A pandemia que estamos a viver apresenta-se, assim, como um veículo para reconsiderarmos a forma como temos vindo a atuar até ao momento. Os próximos anos são decisivos e a Quidgest continuará totalmente empenhada em utilizar a tecnologia digital em proveito da construção de uma Economia mais sustentável, de Sociedades mais iguais e de um Ambiente mais protegido – software pronto para o futuro e que trabalha em prol de um amanhã mais equilibrado.

O GENIO, a plataforma de geração automática de código conduzida por modelos, é uma ferramenta que, pela sua natureza, contribui para a sustentabilidade por dois principais motivos: a redução dos meios necessários para a manutenção e desenvolvimento de tecnologia e pelo apoio que os sistemas desenvolvidos fornecem a quem pretende gerir de forma mais eficaz os recursos disponíveis.

Mas não nos enganemos. As tecnologias digitais têm um potencial tremendo para apoiar iniciativas de sustentabilidade e respetiva monitorização. Contudo, para uma mudança eficaz, a missão tem de ser compreendida por todos (governos, cidadãos, empresas). Só assim conseguiremos atingir um patamar de verdadeira sustentabilidade, onde pagamos adiantadamente a hipoteca que, caso nada fizermos, cairá sobre os nossos descendentes e populações em zonas mais desfavorecidas. ■

Joana Paredes Alves
| APlanet

Acredita que a cultura que procura promover a sustentabilidade tem ganhado terreno e, com isso, têm sido criadas iniciativas de impacto real e duradouro ou que se trata apenas de uma formalidade onde as empresas tentam preencher os requisitos mínimos?

Existem empresas que estão a liderar o caminho, que já têm este propósito integrado no seu ADN e assumem um verdadeiro compromisso com a sustentabilidade. Nestas empresas, a estratégia de negócio e a estratégia de sustentabilidade são uma só.

Depois, há empresas que o fazem apenas por questões de *compliance* com obrigações legais e para não comprometerem a sua reputação. Assim como existem cada vez mais empresas que, quer por estarem na cadeia de valor das empresas que estão sujeitas a obrigações legais ou pela crescente pressão dos consumidores, têm cada vez mais que demonstrar os seus impactos.

Uma das missões da APlanet é demonstrar às empresas que a sustentabilidade vai muito além do *compliance*, pois está provado que as empresas que integram a sustentabilidade no seu negócio estarão a criar maior valor ao seu negócio e, consequentemente, também um melhor desempenho económico. Para isso, na APlanet, desenvolvemos ferramentas tecnológicas que permitem alavancar a gestão da sustentabilidade das empresas.

O que difere a APlanet dos principais competidores desta área de atuação?

Vemos que muitas das soluções para a gestão e reporting da sustentabilidade são "unidimensionais" no sentido em que só se focam ou na parte ambiental (*carbon footprint tracker*) ou social (plataformas de voluntariado). Na APlanet temos uma abordagem holística da sustentabilidade, que responde aos principais "*pain-points*" da gestão da sustentabilidade como um todo: ambiental, social e de *governance*. As nossas soluções destacam-se também por serem mais *user-friendly* e flexíveis no sentido de a tecnologia se adaptar facilmente à realidade de cada empresa, de acordo com o seu grau de complexidade e maturidade ao nível da sustentabilidade.

Qual diria que é o principal erro das empresas no que diz respeito à sustentabilidade? E como é que este pode ser resolvido?

Muitas empresas não estão a abraçar o facto de a sustentabilidade dever ser integrada de forma estratégica e transversal, alocando estes temas apenas a um departamento. No entanto, é um facto que a sustentabilidade tem, cada vez mais, de ser considerada uma centralidade e não uma externalidade do negócio.

As empresas que têm um propósito que vai além do lucro dos seus acionistas são mais rentáveis. Até iria mais longe, creio que o facto de as empresas serem sustentáveis ou não irá, a médio e longo-prazo, implicar a sua sobrevivência. Isto significa que as empresas devem, cada vez mais, dedicar recursos para compreender realmente quais são as questões materiais em que se devem concentrar em termos de sustentabilidade e onde podem melhorar os seus impactos. ■

João Wengorovius Meneses
| BCSD

A situação pandémica alterou a forma como as empresas apoiadas pelo BCSD olham para a sustentabilidade? O foco na sustentabilidade manteve-se?

[Nas crises de 2008-2011], os Estados foram muito céleres a injetar liquidez no sistema, de modo a recuperar rapidamente os níveis de produção, consumo e investimento. Porém, não se aproveitou a oportunidade, o reset, para tomar medidas mais estruturais e disruptivas, capazes de acelerar a transição das sociedades para a sustentabilidade. Ora, o que percebemos com esta pandemia é que a falta de coesão social e os diversos e crescentes desequilíbrios na biosfera são fragilidades tão sérias, sistémicas e estruturais, que darão origem a crises pandémicas e a crises socioeconómicas cada vez mais frequentes. Desta vez, o choque com a pandemia foi tão frontal, global e dramático que, para além da recuperação económica, também se está a procurar responder a diversos desafios sociais e ambientais, isto é, relacionados com a sustentabilidade do nosso modelo de desenvolvimento.

Em que medida é que uma empresa que tem a sustentabilidade como um dos eixos centrais da sua operação se torna mais competitiva no mercado?

Se olharmos para o passado recente das empresas portuguesas no que diz respeito aos *drivers* de competitividade, nas décadas de 1970/80 foi o imperativo da produtividade,

depois da qualidade, depois da incorporação de mais conhecimento e valor acrescentado e depois da transformação digital. Hoje é o da sustentabilidade. Porquê? Porque a generalidade dos *stakeholders* assim o exige – reguladores, investidores, clientes, trabalhadores e comunidades impactadas –, e porque a sustentabilidade é, atualmente, a maior fonte de oportunidades de investimento e negócio, com muitos dos seus mercados a crescer a dois dígitos ou mais. Mas vejamos com maior detalhe. A sustentabilidade tem vários benefícios para as empresas, o primeiro dos quais contribuir para a sua eficiência operativa e financeira. Ao reduzir a intensidade de uso de matérias-primas, energia, água ou quaisquer outros recursos no processo produtivo, bem como a produção de resíduos, poluição ou emissão de gases com efeito de estufa, a empresa melhora diretamente a sua rentabilidade económico-financeira.

Mas a sustentabilidade é também fundamental como medida de gestão de risco para os investidores. Fazendo uma análise do último Global Risks Report do World Economic Forum, constata-se que a maioria dos riscos que se consideram ter maior probabilidade de ocorrência e impacto estão relacionados com o tema da sustentabilidade (ambiental e social) [...]. Cada vez mais as empresas que não forem sustentáveis, isto é, que não integrem bem os fatores ESG (*environmental, social e corporate governance*), terão de pagar um prémio de risco, o qual será cada vez maior. A evolução no comportamento das bolsas, nos EUA e na Europa, em 2020, durante a pandemia, é uma prova eloquente de que os investidores já consideram as empresas sustentáveis mais competitivas e resilientes. ■

João Ribeiro de Almeida

| Camões, IP

Como podemos recuperar este ano durante a próxima década?

Os desafios trazidos pela pandemia vieram colocar em risco a concretização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável na escala e velocidade necessárias para cumprir as metas da Agenda 2030.

A "Década de Ação" vai exigir soluções sustentáveis e aceleradas para muitos dos desafios que atualmente enfrentamos, e que vão desde a pobreza extrema às desigualdades sociais e às alterações climáticas.

Em setembro de 2019, o Secretário-Geral das Nações Unidas, António Guterres, convocou todos os sectores da sociedade para se mobilizarem para uma década de ação em três níveis: uma ação global para garantir maior liderança, mais recursos e soluções mais inteligentes para os ODS; uma ação local incorporando as transições necessárias nas políticas, orçamentos, instituições e estruturas regulatórias de governos, cidades e autoridades locais; e, finalmente, uma ação popular, incluindo os jovens, a sociedade civil, o sector privado, os media, os sindicatos, as universidades e outras partes interessadas, no sentido de originar um movimento ativo em busca das transformações necessárias.

É, por isso, importante que os países consigam traduzir as suas ações em maiores investimentos em serviços públicos (saúde, saneamento, água, educação), sistemas de proteção social alargados e, cada vez mais, na esfera da conectividade digital, que tem aproximado pessoas, serviços e negócios, mesmo no contexto de distanciamento social em que atualmente vivemos.

Estas ações implicam caminharmos rumo a uma economia mais inclusiva, verde e respeitadora dos direitos humanos. Um economia que estimule uma maior igualdade e sustentabilidade dos recursos existentes, com maior capacidade de resiliência face aos riscos externos. Assim, vai ser necessário melhorar a nossa capacidade de previsão de futuras pandemias, mas também reformular, desde já, a forma como trabalhamos, aprendemos e consumimos.

Isto quer dizer que, durante a próxima década, recuperar o que foi perdido neste ano de pandemia exigirá não apenas determinação, mas também um grande sentido de urgência por parte de todos nós.

Pode indicar exemplos de dois projetos geridos pelo Camões, IP e que vão ao encontro dos ODS?

• O Projeto GESTDOC (Modernização e Reforço da Cadeia de Identificação e Segurança Documental em Cabo Verde e na Guiné-Bissau), cujo objetivo assenta na melhoria dos níveis de segurança e da gestão das migrações em Cabo Verde e na Guiné-Bissau. Esta melhoria tem sido feita através da modernização do sistema de emissão de documentos de identificação, reforçando, assim os níveis de segurança e a capacidade da aplicação da lei, incluindo controlo documental fronteiriço e questões relacionadas com migrações;

• O PASP PALOP-TL (Projeto de Apoio à Melhoria de Qualidade e Proximidade dos Serviços Públicos dos PALOP e Timor Leste). Embora tenha terminado em 2018, constitui outro bom exemplo da importância da componente digital. O objetivo do projeto passou pela modernização das administrações públicas dos PALOP e TL, através da informatização dos serviços públicos (Governação Eletrónica). ■

Instituto Marquês de Valle Flôr

O trabalho do IMVF é desenvolvido no terreno, junto das comunidades. Nesse sentido, gostaríamos de tentar perceber quais foram os avanços conseguidos desde 2015 e se o apoio vindo de organizações governamentais e privadas tem crescido desde então?

Em termos da atividade do IMVF, os avanços alcançados desde 2015 prendem-se sobretudo com a capacidade de assegurar intervenções continuadas e de longa duração em áreas como a saúde em São Tomé e Príncipe e na Guiné-Bissau, o turismo sustentável em Cabo Verde, a sociedade civil e produção pecuária na Guiné Bissau e ainda a Educação para o Desenvolvimento e a Cidadania Global em Portugal e na Europa. Para além disto, a expansão da atividade a novas geografias, como a Colômbia e a Gâmbia, veio trazer novos desafios e oportunidades de crescimento.

Neste contexto, o financiamento de organizações governamentais como a União Europeia ou o Camões, IP tem sido essencial, financiando projetos e permitindo assegurar não só uma continuidade estratégica da nossa intervenção, garantindo resultados a médio e longo-prazo, como também a resposta a problemáticas emergentes, tais como a consolidação do processo de paz na Colômbia ou a colmatação das causas profundas da migração irregular na Gâmbia.

Ao longo destes anos têm sido celebradas algumas parcerias com organizações privadas, em que estas realizam contributos concretos para projetos já existentes. Na maioria dos casos, o apoio prestado por empresas privadas traduz-se na doação de material e recursos, contribuição com recursos humanos e apoio técnico e expertise em áreas concretas.

Diria que a formação em disciplinas relacionadas com informática seria um passo para o cumprimento de vários Objetivos? Se sim, de que forma é que as empresas tecnológicas podem impulsionar este plano?

Sem dúvida. Muitas vezes, mesmo quando o desafio do acesso à tecnologia é superado pela disponibilização de meios tecnológicos, os benefícios gerados por esses recursos revelam-se reduzidos devido à insuficiente capacidade existente para a sua utilização. Assim, assegurar a formação e acompanhamento, a par da disponibilização de recursos tecnológicos, tem-se revelado essencial.

Neste sentido, empresas tecnológicas como a Quidgest, podem, em parceria com ONGs e outras organizações que trabalham diretamente no terreno, disponibilizar recursos humanos e tecnológicos (pacotes de formação direcionada/adaptada ao contexto, etc.) que permitam assegurar a capacitação informática e mesmo tecnológica, em áreas mais específicas.

Num sentido mais lato, podem incentivar o desenvolvimento e facilitar o acesso a um número crescente de tecnologias, serviços e aplicações informáticas que possam ser utilizadas em benefício de formas de desenvolvimento económico, social e ambiental cada vez mais justas e sustentáveis. ■

Thomas Fleurine Sørensen

| Sweco

A Sweco está a implementar proativamente medidas para lutar pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável? Se sim, que tipo de iniciativas tem em curso?

A Sweco participou na criação dos indicadores nacionais para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável na Dinamarca. Também consideramos a sustentabilidade como parte das nossas soluções integradas propostas nos nossos concursos e na implementação dos nossos projectos.

Temos formação interna, mapeamento dos objetivos no âmbito dos nossos projecos e desenvolvemos plataformas que nos permitem fornecer uma monitorização dos ODS aos nossos clientes.

Estão atualmente a trabalhar em projetos que só estarão disponíveis ao público em geral dentro de cinco a dez anos. "O futuro pode parecer remoto para outros, mas está muito presente na Sweco" - como é que é este futuro e qual o papel da sustentabilidade?

A Sweco é uma empresa liderada pela Escandinávia. A nossa mentalidade está automaticamente definida para encontrar simplicidade e soluções sustentáveis - está no nosso ADN. O nosso papel é continuar a construir um futuro sustentável através de infra-estruturas amigas do ambiente e do clima; através do trabalho em hierarquias planas que possam promover a redução das desigualdades; e através do fornecimento de equipas multidisciplinares que possam compreender as complexidades da sustentabilidade entre sectores e campos. ■

Delfina Soares

| Head da Universidade das Nações Unidas

Pode partilhar alguns exemplos de projetos que tenham desenvolvido na área dos ODS?

Um projeto foi a elaboração da Estratégia Nacional de Governação Digital para São Tomé e Príncipe, em colaboração com o Instituto Nacional do Conhecimento e Inovação (INIC) do Governo de S. Tomé e Príncipe. Desenvolvida de forma colaborativa englobando vários atores chave no país, esta estratégia visa melhorar a prestação de informações e serviços, incentivando a participação do cidadão e tornando o governo mais responsável, transparente e eficaz. Esta estratégia constitui-se como um instrumento para promover o desenvolvimento sustentável, quer das instituições públicas, quer dos restantes sectores da sociedade que beneficiarão de uma Administração Pública mais eficaz e racionalizada. Este projeto atende à globalidade das preocupações do ODS 16, contribuindo ainda para a redução das desigualdades (ODS 10) ao melhorar a qualidade da cidadania democrática.

Em parceria com a UNICEF, a UNU-EGOV identificou um conjunto de políticas e práticas adotadas num conjunto de países selecionados, com base nas quais desenvolveu um quadro de orientações dirigidas a governos e agências nacionais da UNICEF sobre as oportunidades e desafios da prestação de serviços públicos eletrónicos para crianças e menores. O projeto, intitulado "Transformação Digital, Serviços Digitais e Crianças", contribuiu diretamente para o ODS 1, ao incidir sobre a redução da pobreza infantil, o ODS 10 sobre o acesso e igualdade direitos a serviços e oportunidades, e aqueles em situações vulneráveis, e o ODS 17, sobre parcerias internacionais.

A UNU-EGOV tem colaborado com a ITU, UNECE e UN-Habitat no contexto da iniciativa U4SSC (United for Smart Sustainable Cities), que serve como plataforma global para defender políticas públicas e encorajar o uso de TIC para facilitar a transição para cidades inteligentes e sustentáveis. A iniciativa, apoiada por 12 outras agências das Nações Unidas (CBD, ECLAC, FAO, UNDP, UNECA, UNESCO, UN Environment, UNEP-FI, UNFCCC, UNIDO, UN-Women e WMO) contribui para o ODS 11.

O Painel de Alto Nível do Secretário-Geral sobre Cooperação Digital destacou a necessidade de adotar políticas específicas para apoiar a inclusão digital total e a igualdade digital para grupos marginalizados. Paralelamente, o relatório da ONU "The Age of Digital Interdependence" apela à definição de métricas para a inclusão digital. Apesar de algum trabalho já realizado nestas matérias, atualmente não há um conjunto aceite de métricas ou padrões a usar nesta área. Neste contexto, e em parceria com a Mobile World Capital Foundation, a UNU-EGOV desenvolveu o projeto "Inclusão Digital para Comunidades Marginalizadas" que visou responder às seguintes questões: como medir a inclusão digital de grupos marginalizados? Que métricas podem ser usadas para sustentar a definição de políticas de inclusão digital? Que dimensões, indicadores, segmentação geográfica e de utilizadores, frequência e métodos de recolha de dados devem ser usados. O projeto contribui para o cumprimento dos ODS 5 e 16. ■

"O nosso país está completamente alinhado com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Por vezes, as metas podem ser ajustadas, não podemos é desviar-nos do objetivo final.""

Eurico Brilhante Dias
Secretário de Estado da Internacionalização

Acredita que as tecnologias digitais podem apoiar o cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)? Se sim, consegue indicar-nos os objetivos em que a tecnologia tem maior potencial de impacto? E quais as áreas que melhor podem usufruir da tecnologia?

A transição digital da economia global, potenciada pela pandemia, acelerou ainda mais a globalização. Em tempo real sabemos o que está a acontecer, podemos monitorizar ou até criar cenários futuros e, em larga medida, isso deve-se ao avanço das ferramentas tecnológicas digitais. Antes de mais gostaria de salientar o seguinte: Portugal tem um ecossistema tecnológico muito próprio. Hoje praticamente todos os sectores de atividade nacionais têm, em alguma fase do seu processo, incorporação de tecnologia, seja na investigação, na produção ou na venda.

A amplitude e a diversidade do tecido empresarial tecnológico português levam a que tanto as *startup* como as empresas mais maduras se afirmem nas suas áreas de atuação, quer em território nacional, quer ao nível internacional. As suas competências, o *know-how*, a inovação, permitem que abracem desafios nos diversos pontos do globo, até num quadro de integração em projetos de instituições multilaterais. Tomando como exemplo o projeto executado pela Quidguest em Moçambique – Programa Rapariga BIZ, que promove a educação, igualdade de género, a saúde e o bem-estar das mulheres, e que em tempo real monitoriza e analisa a eficácia da sua implementação.

Outro exemplo é o uso de ferramentas

"As tecnologias têm um caráter universal e, nas diversas áreas, serão certamente uma ferramenta preciosa para atingirmos os objetivos. A transição digital está a ligar o mundo, reforçando a ideia de que a competitividade passa a estar mais relacionada com a capacidade de estar dentro da rede, e não tanto com a proximidade a recursos ou mesmo, nalguns casos, à procura."

digitais nos sectores da construção e urbanismo, águas, resíduos e saneamento, que têm tido igualmente um papel determinante, sobretudo em países em desenvolvimento, permitindo o ordenamento das cidades, a irradicação de algumas doenças ou o acesso a água potável, promovendo o desenvolvimento económico e social das regiões.

Em comparação com 2015, altura em que as Nações Unidas desenharam e adotaram os ODS, a conjunta socioeconómica está totalmente diferente devido à pandemia, que veio dificultar o cumprimento do programa. A 10 anos da meta, parece-lhe ainda possível atingirmos estes Objetivos?

Atualmente vivemos num contexto de grande incerteza porque, de forma abrupta, fomos atingidos sem exceção por uma pandemia.

Num quadro macro, a União Europeia não alterou as suas metas fundamentais. As transições gémeas - energética e digital - continuam a ser pilares de desenvolvimento, com planos que promovem uma economia moderna, respeitando os ecossistemas e o uso eficiente dos recursos. A recuperação do continente europeu passará certamente por uma solução "Justa, Verde e Digital".

Numa perspetiva micro, outro dado interessante é analisarmos o facto dos países que integram a UE, mesmo neste período adverso, optarem pela compra de veículos elétricos, que em 2020 registaram um record de vendas.

Estes exemplos refletem uma preocupação individual e coletiva da sociedade. Portugal foi o primeiro país a assumir a neutralidade carbónica até 2050. Para atingirmos estes objetivos todos somos necessários – cidadãos, entidades públicas e empresas. O nosso país está completamente alinhado os objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Por vezes as metas podem ser ajustadas, não podemos é desviarmo-nos do objetivo final. A Europa – e Portugal – continuarão a ser influenciadores na construção de um sistema internacional mais justo, e percebemos bem que se não sairmos desta pandemia em conjunto – também com os países em desenvolvimento – não sairemos bem. Continuar a pugnar pelas metas dos ODS é central para um mundo mais equilibrado e mais justo.

Como podemos recuperar este ano durante a próxima década? Qual é a perceção internacional sobre as empresas de tecnologia nacionais? Quais são as maiores vantagens das empresas tecnológicas portuguesas no mercado internacional?

Até 2019, Portugal apresentava uma trajetória sólida de crescimento, com um aumento das exportações que se verificava há mais de uma década, fruto de estratégias empresariais assentes na qualidade, na diferenciação, no design, na flexibilidade, na incorporação tecnológica nos processos de produção ou na adaptabilidade face às necessidades do cliente. Somos um país com sectores competitivos e as competências de Portugal assumem

cada vez mais relevância internacional. Somos igualmente diferentes no talento, com quadros altamente qualificados, com estabelecimentos de ensino profissional, superior e científico de excelência, boas estruturas de transporte e de comunicação, um desenvolvido ecossistema de acolhimento de IDE, redes de incubadoras e de inovação prestigiadas. A posição geoestratégica de Portugal potencia as relações triangulares entre a Europa, África e América, assim como a integração na União Europeia ou a adoção da moeda única são outros elementos que incrementam a nossa notoriedade. Aliados a estes e a outros indicadores, temos uma comunidade que recebe bem, multicultural. Para além de atingirmos os maiores valores de sempre nas exportações de bens e serviços em 2019 também temos sido escolhidos para acolher investimento de relevo mundial, e todos estes fatores têm sido determinantes para atrair mais e melhor investimento. Um exemplo disto são algumas das maiores tecnológicas mundiais e alguns dos centros de I&D de marcas de referência (sector automóvel, aeronáutico ou saúde) escolherem o nosso país para se instalarem. Somos o país de acolhimento da Web Summit. Isto deve-se à nossa imagem como país – um país que faz bem. Os produtos – bens e serviços - nacionais têm selo de qualidade independentemente do sector, com condições para se afirmarem em qualquer mercado. Estes fatores continuam a posicionar-nos como bons exportadores de tecnologia e como território de acolhimento de investimento.

A estratégia para a próxima década, inserida no Programa Internacionalizar 2030, ao nível externo, visa a angariação de projetos de IDE que colmatem as falhas nas cadeias de valor e, em simultâneo, projetos que respondam aos desafios do futuro - como a digitalização, a transição energética (neutralidade carbónica), mobilidade sustentável, aumento da resiliência da economia europeia e maior autossuficiência em ativos estratégicos, entre outros, como referi acima; e ainda o reforço das ações de diplomacia económica, como o apoio da Rede Diplomática e rede da AICEP, na promoção da internacionalização dos nossos bens e serviços. Na frente interna, o reforço da coordenação dos agentes territoriais e a qualificação dos territórios, nomeadamente, os de baixa densidade, promovendo assim o incremento da sua visibilidade e atratividade junto de potenciais investidores estrangeiros, e consequentemente, maior coesão territorial, assume-se como outro fator determinante. As metas do Governo passam, numa primeira fase, até 2023, recuperar os valores de 2019 (Stock de IDE de 137 milhões de Euros e 44% de exportações sobre o PIB), para depois disso, e até 2027, um crescimento de 4% ao ano no stock de IDE e um peso de 50% de exportações sobre o PIB.

De que forma é que uma empresa como a Quidgest pode impulsionar o plano dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável?

A Quidgest tem atividade num leque interessante de mercados, alguns destinos até simpaticamente referidos como "não -habituais" para a realidade de internacionalização das empresas portuguesas.

"A atuação da Quidgest, através de soluções digitais e serviços de modernização, em países que não integram a OCDE. permite que desenvolva projetos que contribuirão, certamente, para a construção de sociedades mais modernas e justas e mais alinhadas com os desafios do Desenvolvimento Sustentável."

Os Estados têm um papel determinante no plano dos ODS, mas as entidades privadas, como empresas e sociedade científica e civil, são certamente aliados determinantes na resolução desta equação. Estas caraterísticas do processo de inter-

nacionalização da Quidgest são elementos que gostaríamos de estender a mais empresas do sector exportador nacional.

Dos contactos que tem com outros *decision-makers* governamentais, encontra abertura ou interesse em falar sobre o cumprimento dos ODS numa perspetiva de cooperação internacional? E esse interesse muda consoante geografias? Se sim, quais são as zonas mais preocupadas com o plano das Nações Unidas e porquê?

A ligação da política internacional aos ODS está muito presente na relação Norte-Sul, em particular com África, com a América Latina e mesmo com algumas regiões da Ásia. E é aí, em particular nas iniciativas da banca multilateral, que se encontram aproximações às questões-chave de desenvolvimento de políticas conformes ao cumprimento dos ODS e onde o alinhamento de iniciativas públicas e privadas é essencial.

Em iniciativas de internacionalização, encontra – direta ou indiretamente - preocupação em relação aos ODS por parte dos países ou entidades que vão acolher empresas portuguesas?

Sem dúvida. E encontro no desenvolvimento de muitos projetos ligados ao cumprimento de ODS a necessidade de juntar competências que as empresas portuguesas possuem e conseguem desenvolver com parceiras locais. No sector da educação, da saúde, das infraestruturas de água e saneamento, assim como nas de transporte, entre outros, as empresas portuguesas apresentam um portfolio de projetos admirável que as distingue. Por exemplo, a atenção que as nossas soluções no sector da água e dos resíduos, ou mesmo nos serviços no âmbito da simplificação administrativa, são casos muito conhecidos e que as diferentes instituições multilaterais apresentam como boas práticas.

Sabemos que, em breve, irá realizar uma visita de Estado ao Azerbaijão. Qual é a proposta de valor que as tecnológicas nacionais podem levar para o país?

Esta Secretaria de Estado tem uma missão abrangente - e ao mesmo tempo muito intensa - de acompanhamento do nosso tecido empresarial (empresas e associações empresariais) nos mercados externos promovendo a sua internacionalização, de potenciar o investimento externo em Portugal e o investimento português no estrangeiro, e de forma mais fina, resolver custos de contextos ao nível nacional, mas também criar instrumentos (como acordos de dupla tributação, linhas de financiamento, entre outros) que potenciem os objetivos acima referidos.
Devido ao atual contexto atípico pandémico ainda não conseguimos prever com exatidão as próximas deslocações externas.

"Pelas competências das nossas empresas em geral, e tecnologias em particular, pelo *know-how* e caráter inovador, atrevo-me a considerar que têm as condições certas para vingar em qualquer geografia."

Mas devo dizer que sobretudo nos países do Cáucaso e em torno do Mar Cáspio, nos países de transição entre a Europa e a Ásia Central, a oferta portuguesa tem amplas condições de sucesso. Por exemplo: nos serviços de arquitetura e construção, nas TIC e, mais uma vez, na água e saneamento.
Assim que a pandemia nos permitir há um esforço comercial a fazer nesses territórios. ■

3.º ODS: Cuidados de Saúde baseados em valor

RUI FREITAS | *Health and Science Consultant - Quidgest*

Os cuidados de saúde são um bem universal que deve ser distribuído com igualdade e acessibilidade. A qualidade na saúde é um fator decisivo para o bem-estar e desenvolvimento das sociedades contemporâneas.

Contudo, existem barreiras naturais e humanas que dificultam a viabilidade deste processo. As Nações Unidas (ONU) têm feito um esforço para melhorar o desenvolvimento sustentável em várias áreas através da implementação de objetivos e programas globais. A ONU reconhece esta realidade ao propor "assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos" como o terceiro objetivo de desenvolvimento sustentável (ODS) da agenda 2030. Os Sistemas de Informação são, portanto, um fator crítico para apoiar e tornar estes objetivos exequíveis. Com base nesta premissa, faz parte do ADN da Quidgest estar no centro do desenvolvimento digital, especialmente em causas e serviços que prefiguram a saúde como um bem essencial e com o objetivo de lhe acrescentar valor (cuidados de saúde baseados em valores).

O objetivo do desenvolvimento sustentável na saúde é promover o bem-estar e uma vida saudável. Dentro deste contexto, destacamos dois projetos colaborativos da Quidgest.

1. Instituto Marquês de Valle Flôr

Esta Organização Não-Governamental de Desenvolvimento (ONGD) tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento sustentável e promoção da dignidade humana através da conceção, implementação e colaboração em projetos e atividades numa vasta gama de áreas. A lacuna no fornecimento de medicamentos e bens de saúde em zonas remotas, especialmente em países africanos como a Guiné-Bissau, é um dos desafios que a IMVF pretende resolver.
Um projeto de Gestão de Stocks e Transporte de Produtos Farmacêuticos surgiu do esforço conjunto. A Quidgest desenvolveu um sistema de informação que permite a gestão de *stocks* - desde o transporte ao armazenamento - para organizar a distribuição através de centros de saúde. A atenuação das perdas de produtos, o controlo dos limites de *stock*, datas de validade, alertas, a criação de entregas automáticas com previsões de despesas e faltas são pontos vitais para que o processo seja bem-sucedido. A logística de um país "organizado" e com infraestruturas adequadas é um desafio. Na Guiné-Bissau, tornou-se uma busca épica.

2. Hospital de Santa Marta

Este projeto de estreita colaboração está inserido no âmbito da Investigação e Desenvolvimento. O desafio passa por utilizar um registo de dados de doentes cardíacos que tenham sido submetidos a uma intervenção cirúrgica e transformá-lo numa ferramenta útil de apoio clínico, permitindo a partilha e análise de informação. Todos os anos, estima-se que 17 milhões de pessoas morrem globalmente de doenças cardiovasculares. De acordo com dados da American Heart Association de 2020, cerca de 80% das mortes prematuras podem ser evitadas através do controlo dos principais fatores de risco e da tomada de decisões clínicas oportunas e precisas. A criação de uma plataforma cardíaca digital, permitindo apoio à decisão clínica em tempo real e prática e análise de dados para profissionais de saúde, é da maior necessidade. A passagem do "papel" para o digital é assim o marco deste projeto, que pretende extrair informação dos dados de forma eficaz. Um desafio significativo surge desde o início: tornar os dados robustos, fiáveis e reprodutíveis (melhorando a qualidade e quantidade de dados - padronização). O desenvolvimento de modelos preditivos para "Risco de Operação" e "Reabilitação Pós-cirúrgica" integrados na plataforma é um ponto crítico neste projeto, que irá alavancar a inteligência artificial da estrutura Genio e assim desenvolver algoritmos adaptados através de ferramentas de machine learning. Outro grande desafio dentro deste projeto surge da obtenção de dados em grande escala para alimentar a base de dados e tornar o modelo mais robusto. Portanto, é uma necessidade premente de criar uma rede colaborativa entre hospitais, centros de investigação e centros tecnológicos, que permitirá um sistema integrado de partilha de informação e tornará os modelos preditivos mais robustos e fiáveis.

Os ODS fazem parte das nossas diretrizes e da forma como operamos. Na equipa de Saúde e Ciência acreditamos, acima de tudo, que a tecnologia é um veículo real no apoio à melhoria da qualidade de vida e saúde de todos, sobretudo para as pessoas com menos recursos. Todo este processo é de enorme complexidade. No entanto, passo a passo e utilizando o *know-how* de mais de 30 anos de desenvolvimento de software da Quidgest, o caminho será mais curto. ■

Automação, ODS e o futuro do trabalho

SUSANNA COGHLAND | *International Business Development - Quidgest*

O oitavo Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) centra-se no crescimento económico e no trabalho digno. Tal como todos os outros objetivos, está dependente dos restantes.

A realização do 8.º ODS exigirá avanços no 4.º ODS (Educação de Qualidade), tal como dependerá da evolução das sociedades para os padrões de consumo e produção sustentáveis abordados no 1.º ODS (Produção e Consumo Responsável), e a integração da proteção dos trabalhadores e comunidades nas cadeias de valor e mercados visados no 9.º ODS (Inovação, Indústria e Infraestruturas).

Todas estas ligações e o círculo virtuoso que pode ser criado à medida que abordamos cada um dos ODS sustentam a ênfase no 8.º ODS não só a nivel de crescimento económico ou mesmo no emprego pleno e produtivo, mas também no trabalho com dignidade. Uma maior produtividade é a principal fonte de melhoria nos padrões de vida, a via mais sustentável para sair da pobreza laboral, e a base (e medida) da competitividade nos mercados globais.

Muitos ganhos de produtividade resultam de novas tecnologias e da automatização dos processos de trabalho, e podem causar profundas perturbações no mundo do trabalho.
No entanto, uma análise histórica destas perturbações mostra que, embora tais inovações tecnológicas possam ter deslocado trabalhadores de papéis específicos, o número global de empregos e o leque de oportunidades de emprego tem crescido consistentemente.

Uma diferença notória agora em relação a períodos anteriores de crescimento na automatização, é que esta está definida para mudar ou mesmo substituir uma variedade muito maior de empregos.
Os períodos anteriores de inovação centraram-se na programação de máquinas para executar tarefas específicas: a automatização. Agora, alguns trabalhos anteriormente vistos como trabalhos especializados ou de conhecimento - trabalhos que estão ligados à recolha de dados, processamento de dados, tais como um radiologista - podem ser substituídos pela automatização porque uma máquina pode realizar o trabalho mais rapidamente e em maior volume.
A automatização de mais tarefas de rotina dentro de um trabalho tem o potencial de libertar os trabalhadores para que dediquem mais tempo aos aspetos mais significativos do trabalho, tais como o envolvimento com o pessoal/colaboradores/clientes, trabalho analítico ou intelectual, aconselhamento, inovação, e outros *inputs* de valor acrescentado para a sua função. Estes têm o potencial de trazer mais valor ao trabalhador, à organização que o emprega, e ao "cliente" (parte interessada). Os seres humanos permanecem únicos na sua capacidade de lidar com situações e comportamentos humanos imprevisíveis e de se envolverem com outros seres humanos de uma forma empática e sensível.
Devemos, porém, garantir que estes benefícios sejam realizados equitativamente. Tanto no contexto global, como nacional, a aplicação de novas tecnologias está também a alimentar discussões sobre o aumento da desigualdade. Em muitos casos é ainda mais barato ou necessário para os trabalhadores dos sectores de baixas competências e baixo envolvimento do que utilizar a automatização. Provavelmente não seria uma evolução positiva para a nossa sociedade se a automatização do trabalho ameaçasse tornar-nos numa sociedade mais estratificada, na qual alguns indivíduos com rendimentos elevados e um elevado nível de formação têm "trabalhos interessantes" e um grande número de cidadãos estão em empregos mal remunerados, cujo objetivo principal é proporcionar a saúde e o conforto dos mais abastados. O trabalho decente continua a ser o objetivo.

Com isto em mente, podemos moldar o futuro do trabalho. Não é algo que nos acontece, é algo que criamos através de ações e colaboração de empresas tecnológicas, governos, sociedade civil, entre outros, para a realização dos Objetivos Globais. ■

QUIDGEST ACADEMY: 250 PESSOAS EM 365 DIAS

Os objetivos das pessoas que passam pela Academia são distintos. Ter um curso geral foi obviamente um bom ponto de partida, mas existem necessidades específicas que estamos agora a satisfazer na nova formação.

SARA INÁCIO
| Innovation Manager e Head da Quidgest_ Academy

A pandemia mudou profundamente o nosso estilo de vida. Desde a forma como trabalhamos até à forma como fazemos compras e comunicamos uns com os outros, foram feitas mudanças profundas na sociedade a fim de promover alguma normalidade no meio do caos. As necessidades do mercado mudaram e, com isso, as empresas tiveram de reinventar as suas operações. O vírus impulsionou a Era digital de muitas formas e garantiu-nos dois aspetos cruciais no nosso campo de trabalho: por um lado, as empresas devem ter canais online de fácil utilização para manter a sua presença no mercado relevante e, por outro lado, as pessoas devem desenvolver competências de desenvolvimento de software para continuarem a ser atrativas no mercado de trabalho.

Ambas estão no centro do trabalho que pretendemos realizar em 2021 através da Aca-

demia Quidgest. O objetivo é formar pelo menos 250 pessoas em território português.O esforço alargado que vamos fazer, que também pretendemos continuar nos próximos anos, vai ao encontro das necessidades acima mencionadas.

A escola de engenharia de software da Quidgest foi reestruturada para responder a tais desafios e a equipa criou seis diferentes formações certificadas. Sara Inácio, diretora de inovação da Quidgest e responsável da Academia, explica que "os objetivos das pessoas que passam pela Academia são distintos. Ter um curso geral foi obviamente um bom ponto de partida, mas existem necessidades específicas que estamos agora a satisfazer na nova formação".

Os objetivos de alguém que ingressa na formação G_Researcher, que pretende capacitar as pessoas que querem melhorar o Genio com novas características ou impulsionar a sua carreira de investigação, não se aproximam dos objetivos perseguidos por alguém que ingressa na G_Trainer, onde os participantes serão qualificados para ensinar Genio e os seus conceitos a outras pessoas.

Apesar de cada formação girar em torno do Genio, existem diferenças substanciais na forma como os estudantes abordam a ferramenta de engenharia de software. Como mostra a imagem acima, os cursos adequam-se a vários perfis, mas dada a atual conjuntura socioeconómica, acreditamos que três alvos específicos poderiam ser os mais beneficiados:

1. Empresários que queiram desenvolver os seus negócios digitais de uma forma ágil e sem a ajuda de um fornecedor;;

2. As pessoas que viram as suas funções limitadas nos últimos meses e querem enveredar por uma carreira na tecnologia;

3. Empresários ou trabalhadores que pretendam desenvolver as suas soluções baseadas na tecnologia através de software rápido e eficiente.

Acreditamos que estes três objetivos são vitais para o estado atual da economia. Os empresários que desenvolvem novas empresas que requerem uma mão-de-obra qualificada têm o potencial de criar cargos duradouros. Através da formação, as pessoas que são requalificadas terão estabilidade financeira a longo prazo se optarem por utilizar profissionalmente as competências adquiridas. Além disso, as empresas já estabelecidas irão melhorar a sua resiliência através da melhoria da sua presença digital e, possivelmente, criando novos canais de receitas.

O nosso objetivo é também capacitar as pessoas que tinham a expetativa de se juntar ao mundo da tecnologia, mas não tiveram uma oportunidade no passado.

SARA INÁCIO

"Até ao final da semana, os estudantes deixam a formação com competências altamente desenvolvidas [em comparação com os programadores manuais regulares de codificação]", acrescentou a responsável.

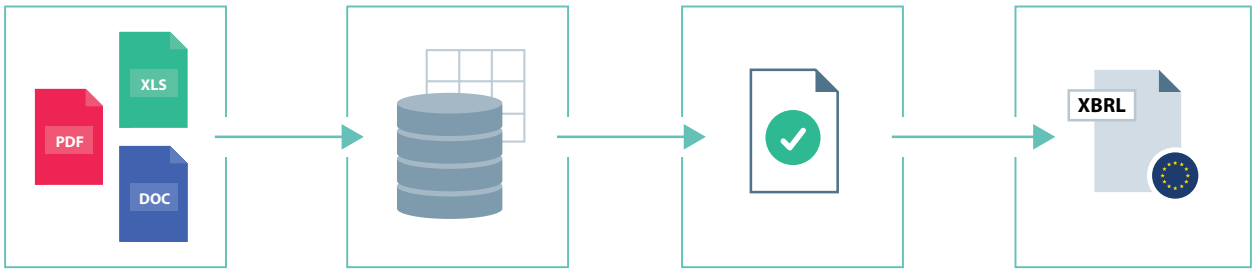
O impulso da Academia é também uma forma de garantir uma mudança no panorama do desenvolvimento de software. Embora este campo de negócios produza uma parte substancial das tecnologias de ponta mais relevantes, ainda está atrasado quando se trata de adoptar soluções mais ágeis, rápidas e acessíveis que têm o potencial de persistir a tempo.

A vacina pode ser a resposta para acabar com a pandemia, mas as competências digitais e, mais importante ainda, as aptidões de engenharia de software são a solução para um futuro à prova de incertezas. ■

QUAL DEVE SER A ABORDAGEM DA SUA EMPRESA À CONFORMIDADE COM O ESEF?

Num ambiente de contínuas mudanças legislativas, as organizações enfrentam desafios constantes no que diz respeito à conformidade. As iniciativas para cumprir as obrigações das autoridades podem ser um desafio quando se trata de investir em tecnologia - entre muitas questões, pode ser demasiado caro ou não adequado à operação.

O formato eletrónico único europeu (ESEF) é um dos mais recentes exemplos de alterações legislativas. As empresas cotadas em bolsa nos mercados regulamentados da UE são agora obrigadas a utilizar este modelo digital no preenchimento dos seus relatórios financeiros anuais.



XLSX, Word, PDF | Importação/Conversão | Visualização, Validação, Ajuste, Auditoria, Controlo | XHTML, XBRL

O que é o ESEF?

Em suma, a nova legislação introduzida pela Autoridade Europeia dos Valores Mobiliários e Mercados surge para facilitar a comunicação de informação, análise de acessibilidade, e comparabilidade dos relatórios financeiros anuais das organizações.

Para cumprir a recente diretiva, as empresas devem adotar uma solução tecnológica que permita a geração de documentos em formato XHTML, utilizando também marcadores de página incorporados em iXBRL. Tais documentos podem ser gerados a partir de formatos Word, Excel ou PDF.

O que deve considerar ao adquirir uma nova solução?

Com o constante progresso tecnológico, as mudanças legislativas - como esta - serão cada vez mais frequentes. Com isto em mente, o que devem as empresas considerar ao adquirirem um novo sistema que ajude no cumprimento? De acordo com Anna Muzalska, Gestora de Soluções RegTech da Quidgest, os decisores devem fazer as seguintes quatro perguntas vitais ao seu fornecedor tecnológico:

A LONGO-PRAZO: Quão fácil é alterar o sistema para cumprir as futuras alterações a este regulamento?

ESCALABILIDADE: Sou capaz de acrescentar outras características adicionais à solução?

TEMPO DE INTEGRAÇÃO: Quanto tempo leva a implementar o sistema e outros módulos que ajudem a nossa empresa com futuras diretivas neste campo?

PARA ALÉM DA CONFORMIDADE: A vossa solução oferece outras características adicionais para além do cumprimento do regulamento?

A solução da Quidgest

Considerando a complexidade das obrigações de comunicação e o volume de dados a comunicar, é essencial automatizar o mais possível o processo de execução. Por conseguinte, as empresas devem concentrar os seus recursos na preparação do relatório através da automatização do processo - serão capazes de reduzir os erros humanos tanto na introdução e processamento dos dados como na validação dos documentos a serem apresentados.

Uma vez que a solução da Quidgest segue a base da estrutura que a Autoridade Bancária Europeia definiu para os Relatórios Comuns (COREP) e Relatórios Financeiros (FINREP), a ferramenta permite centralizar todos os relatórios que, por lei, devem ser entregues às autoridades.

Devido à sua natureza flexível - e em oposição à maioria das ferramentas oferecidas no mercado - as empresas podem contar com a rápida integração da solução e com a rápida integração de outros módulos de conformidade.

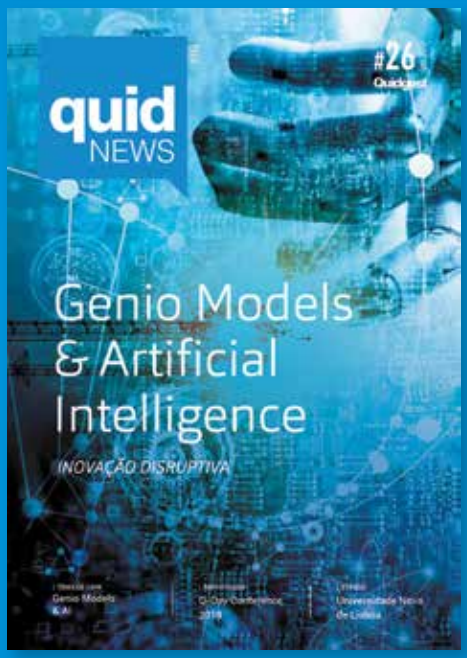
Embora todos os sistemas desenvolvidos pela Quidgest sejam intuitivos e simples de utilizar, é vital garantir que estão a ser utilizados ao seu máximo potencial. Para garantir isto, as nossas equipas ajudfam a formar os recursos humanos das empresas que irão utilizar ou gerir o sistema. ■

quid NEWS

quid NEWS
#29
Quidgest
DEFUSING THE LEGACY BOMB
LEGACY

quid NEWS
#28
Quidgest
DATA CENTRIC
People, Customers, and Citizens
PBC - Productized Business Capabilities
Sistema de Gestão de Exames online
Cinemateca Portuguesa

quid NEWS
#27
Quidgest
The NEW SPRING of ARTIFICIAL INTELLIGENCE and MODELS


quid NEWS
#26
Quidgest
Genio Models & Artificial Intelligence
INOVAÇÃO DISRUPTIVA

quid #NEWS
#25 Jul 2018
Quidgest
Hyper Agile
Lean
& Machine Learning

quid #NEWS
#24 Jan 2018
Quidgest
Quidgest
30
YEARS
Genio

quid #NEWS
#23 Jul 2017
Quidgest
O ANO DA TRANSFORMAÇÃO DIGITAL

quid #NEWS
#22 jan 2017
Quidgest
Q-DAY 2016 | Conference
PORTUGAL SUN, SEA & SOFTWARE